



Redação, Administração e Oficinas—Rua do Seculo, 43—Lisboa

Limpeza das ruas



— O' camarada: parece-me que aquela varina disse uma obscenidade.
— Se calhar não é. Se fosse obscenidade o nosso chefe não a diizia tanta vez...



PALESTRA AMENA

... E pêras

Não estamos certos se já alguma vez abordámos o assunto que escolhemos para tema da nossa palestra de hoje, mas se assim foi nada se perde, porque ha coisas que se querem bem repisadas e uma d'elas é esta: os ditos que se popularisam em Lisboa e que são tidos como engraçados, pelos 600:000 semsaborões que aqui vivem.

Lembram-se, não é verdade? Não-de estar recordados, por exemplo, do chistosissimo *Está peor da perna*. Foi uma frase que durante mais d'um ano fez estoirar toda a gente com riso, e tão feliz se consideraram que appareceram cartas nos jornais, de varios mancebos a reclamar a paternidade da mesma.

Antes, tinha apparecido, com exito não menor, o celebre *Talvez te escreva*, que até chegou a batisar uma revista teatral. Como o *Está peor da perna*, empregava-se a proposito fosse do que fosse. Encontravam-se dois amigos:—Como estás, passaste bem?

—Talvez te escreva.

Seguiu-se um dito que excedeu aqueles dois em espirito: foi o *Olha lá esse candieiro!* Não tem conto o numero das pessoas que rebentaram a rir com tal frase, que percorreu todas as camadas sociais, sempre com o mesmo successo.

—Então que dizes ao tempo?

—Olha lá esse candieiro, respondia-se, sempre com oportunidade.

Isto, para falarmos apenas nos ditos mais recentes, porque se fossemos a passar em revista tudo o que no genero temos tido ha 50 anos para cá (o *Logo comes*, o *O' estrela não digas isso*, o *Estás a vêr, ó viroscoas*, etc.) seria um nunca acabar de citações e um nunca acabar de gargalhadas, porque estamos certos de que n'esta altura da palestra, o leitor já terá desapertado as calças com tanto rir.

Pois bem: cesse tudo o que a antiga baboseira canta, porque outro dito mais alto se levanta e é o seguinte! ... E pêras.

Quando se emprega? Sempre. Manda-se um moço a um recado: *e pêras*, responde. Pergunta-se que horas são: *e pêras*. Pede-se dinheiro emprestado: *e pêras*. Quer-se felicitar o sr. Antonio José d'Almeida: *e pêras*, etc., etc. Dizem-nos que d'esta vez a gracinha veiu de França, o que é mais uma razão para que seja adoptada com amoroso carinho, porque de França vêm também os meninos, bonitos ou feios; bem—aceitemo-la, felicitando o inventor, que não sabemos quem seja, mas que teriamos muito gosto em conhecer, para lhe publicarmos a effigie com o respectivo soneto que o nosso estimado colega *Belmiro* costuma consagrar os varões assinalados.

Quem desejar essa consagração, que se acuse... e pêras.

J. Neutral.

INDICISÃO INFANTIL



BÊBÊ:

—Então agora o papá traz o espartilho da mamã? D'aqui a pouco não sei qual é o papá nem qual é a mamã!

Ao estrangeiro

A proposito de ter sido nomeada uma pessoa, sem duvida idonea e ar-



tista altamente categorisada, para ir ao estrangeiro (vá lá o galicismo, porque uma vez não são vezes) comprar um llvro, escreve-nos um leitor a perguntar se para se efectuar semelhante diligencia seria indispensavel o gasto

da viagem e estada lá fóra do funcionario nomeado.

Se seria indispensavel, não sabemos, mas como a ordem é rica e os frades são poucos, o caso não nos parece de condenar, tanto mais que o exemplo está aberto de ha muito.

Pensem bem vossorias e verão que se esta sviagens se multiplicassem, elas só trariam vantagens; já Mahomet, que não era nenhum parvo, tinha observado que não era asneira nenhuma ir ter com a montanha quando esta não estivesse resolvida a vir ter connosco.

Ora o que ha bom em paizes estrangeiros não vem para cá: porque não o havemos de ir buscar?

E' esta a nossa opinião e seremos da contraria, se necessario fôr.

Correspondencia

Alice P.—Se não fosse uma senhora, bem sabemos o que lhe diriamos. Faça outra coisa: *crochet*, por exemplo.



TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Crida ométade.

Iscrevotte invergunhadicemo i ainda nan istou in mim pur cósas das poucas burgonhas que oivi onte nu triato da Trindade núma pessa xamada a Paz armada! Tu bem çabes que inté ó ponto de oje não á nada que me dezer nu tucante a onradezes i que é mais fácel cuma mão dez istrelas agarrar, cumo se diz na jinginha das portas de Santo Antão, que eu dezer calquer óbesenidade ou cuncintir que a digam diante mim; prantume logo córado cumo um tumate i ce tanho uma caxa torra na mão vai tudo razo. Pois nunca feturei que tivece de gramar u que gramei cuma tal paz armada! Cumo respêto munto us tês oividos nan pranto para aqui as poucas burgonhas que se dixeram, mas faz de conta que istás a oivir a noça cumadre Ingelca cando us caxopos lá metem alguma cabra na fazenda e ficas fazendo indeia du que eu oivi!

«A inpenião da pelateia é que cando



ce arreperntacem pessas d'estas ce prantace um letreiro a dezer que era có pra ómes, já ca ótoridade, cagora nam decha dezer óbesenidades na ruam ce inporta cas digam nus triatos; pois cim, mas axo que eça inpenião nam deve cer posta in práteca, porque grassas a deus, ainda á homes, cuma mim, que tamem teem burgonha na porca da cara, cumás mulheres; por iço tanho oitra indeia cuja esta é que na vilheteira ce venda com cada vilhete duas roulhas de curtissa pra jente meter nus boracos das urelhas cando us artistas istivecem pra dezer alguma bujarda: faziace um cinal calquer in cena, por inzemplo, batiace as palmas i a jente já cabia i prantava as roulhas inté paçar o temporal. I por oje nam te infado mais cum estas mal nutadas regras: inté breve pois por estes 15 dias u mais tradar aí me tens em Peras Ruivas i já á 5 dias que vou prá istasão da avenida prá bixa á ispera de vez pra cumprir vilhete i ispero que d'aqui a umas 2 cemanas xigará a minha vês ce deus quixer, Muntos avraços çodosos du teu inté cempre.

Jerolmo.

Emprezario do Pauliteama
de Peras Ruivas.

EM FOCO

(O bandarilheiro Alfredo Santos)



Não ha um valentão como este Alfredo: O boi mais bravo, quando o vê na praça E éle com bandarilhas ameaça, Põe-se logo a tremer de puro medo.

Aquilo é uma especie de brinquedo: Por mais que o touro, coitadinho, faça, Crava-lhe os ferros com imensa graça E fica-se sorrindo, mudo e quedo.

Gosto bem d'ele, porque estou na mesma; Tambem tenho o meu jeito para o gado, Comtanto que não seja uma aventesma;

Bichos de pontas, temos conversado, Mas para um animal chamado lesma, Como não tem pausinhos, sou danado!

BELMIRO.

O calor

Confessamos que por esta é que não esperávamos! A' ultima hora chegamos a noticia de que estão em grêve...

—Quem? perguntará o leitor, admirado de que haja alguém ou alguma coisa que ainda não tenha feito grêve.

Quem? damos-lhes um doce, damos-lhes dois doces, damos-lhes uma confeitaria em peso se adivinhar.

Vai? uma... duas... tres...

Não adivinha. Pois bem: estão em grêve... os termometros!

A prestantissima classe dos termometros, ao que se vê da carta que em seguida publicamos, acaba de lançar mais uma nota perturbadora n'esta triste sociedade em desagregação.

Vejamos:

«Sr. redactor,

«O abaixo assinado, representante da numerosa classe dos termometros de liquidos e de gases, vem, por meio da imprensa periodica, de que o *Seculo Comico* é o membro mais cotado, explicar a attitude que resolveu tomar e que o publico vai estranhar, certamente.

«Não são os termometros, sr. redactor, individuos preguiçosos, que fujam ao trabalho, o que podem facilmente provar, visto que nunca reclamaram aumento de salario nem diminuição de horas de tarefa; ganham hoje o mesmo que ganhavam quando foram inventados e quanto a trabalho, não teem tido um momento de descanso, pois, como é sabido, teem marcado as temperaturas, a qualquer hora do dia e da noite e, o que é mais, tanto trabalhavam na sombra como á torreira do sol.

«Sim, sr. redactor, mas isto dentro dos limites do razoavel. Ora, ha duas

semanas para cá as colunas mercúriaes ou alcoolicas que são a essencia do nosso organismo teem-se visto obrigadas a subir tão alto que constantemente nos produziam tonturas. Sr. redactor: o sr. Réaumur, o sr. Fahrenheit, o sr. Centigrado, o sr. Maxima e Minima e outros sabios, contrataram comnosco subidas e descidas dentro dos limites do bom senso, e nunca imaginaram que seríamos levados á pratica dos excessos a que ultimamente o sol nos tem obrigado, com manifesto desprezo pelas nossas regalias e para o nosso credito, pois que não é raro vêr attribuir aos graus, que somos coagidos a marcar, acontecimentos graves, insolação, casos de loucura, etc., de que de modo algum somos culpados.

«Eis a razão porque nos pomos em grêve, sr. redactor, e declaramos que não voltamos ao trabalho senão quando nos forem satisfeitas as seguintes reclamações: 1.º — O sol compromete-se a não nos obrigar a subir mais de 25 graus á sombra e a um limite proporcional a esta temperatura, ao sol. 2.º — Será fundada: uma caixa de aposentações, que pode ser de pinho, castanho, mogno, ou outra qualquer madeira, onde repousemos para sempre, quando nos inutilisarmos. 3.º — Sempre que a atmosfera seja atravessada por ondas de calor ou se deem fenomenos que possam determinar uma temperatura excessiva, nós seremos substituidos pelos pirometros, que farão serviço até que as coisas se normalisem.

«Desculpe, sr. redactor o espaço que lhe tomámos e obsequieia-nos avisando o publico de que não tomamos a responsabilidade de qualquer acto violento que venha a dar-se.

De v. etc.

Termometro Centigrado.

BOLCHEVISMO



— Que mulher tão feia!

— Sim? Pois aqui onde me vêem, se fosse russa era nem mais nem menos do que propriedade do Estado!